Nota de Posicionamento

A ANVISA bem além da ideologia e do corporativismo

A **Associação Brasileira de Redes de Farmácias e Drogarias (Abrafarma)**, que congrega as maiores redes do varejo farmacêutico nacional, apoia a medida da Anvisa que, após estudos internos e realizar consulta pública por longo período, decidiu suspender a resolução que proibia a venda de medicamentos isentos de prescrição nas gôndolas.

Infelizmente, sob a alegação de minimizar possíveis riscos do uso desses medicamentos, a resolução anterior induzia o cliente à compra, com alguém decidindo por ele – algo que está longe de representar segurança. Vale lembrar que estes remédios visam resolver pequenos males que dispensam atenção médica por sua própria natureza. Essa categoria de medicamentos isentos de prescrição existe em muitos países, e estes produtos são classificados assim exatamente por serem seguros, de fácil uso e baixo risco.

Nos últimos dias temos identificado, via mídia, o acirramento de posicionamentos já anteriormente vistos ao vivo durante a audiência pública que discutiu o tema: quando algo não representa sua vontade "soberana", representantes de diversas entidades, notadamente de "Conselhos" e "Federações" de determinadas categorias profissionais, atacam o agente regulador, disfarçando interesses corporativistas com discurso que pretende amedrontar a população. Mas por que eles seriam donos da verdade? Por que agora a mesma Anvisa que resolveu voltar atrás por coerência e isenção, não lhes merece mais o respeito? Só por que conflitou com seus interesses corporativos? Acertou a Anvisa, mesmo contrariando os ideólogos de plantão, já há muito conhecidos.

Bem conhecemos o ambiente anterior, em 2009, que culminou na publicação da RDC 44 e Instruções Normativas 09 e 10. A Abrafarma chegou a explicitar, em debates e audiências públicas na Câmara e no Senado, os estranhos caminhos, de interesses pessoais e pretensões políticas personalistas, que levaram o País a se submeter aos caprichos dos ideólogos que, sem qualquer análise e distorcendo estudos para confirmar suas frágeis teses, submeteram à população às mesmas regras tomadas num país vizinho, o Chile - e que voltara atrás, percebendo o dano causado ao cidadão comum. Não precisávamos, portanto, ter ido tão longe para perceber o engodo.

A nova diretoria da Agência está de parabéns e dá um passo à frente, muito além da ideologia e do tradicional corporativismo reinante no setor de saúde brasileiro. Com seu ato, alinha-se a um País que se pretende grande, fazendo o Brasil retomar o caminho seguido por todos os países desenvolvidos.

Sergio Mena Barreto
Presidente-Executivo da Abrafarma